

LAZER, NATUREZA E AVENTURA: COMPARTILHANDO EMOÇÕES E COMPROMISSOS

ALCYANE MARINHO

Mestranda do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp.
E-mail: alcyane@claretianas.com.br

RESUMO

As aproximações e valorizações crescentes com relação à natureza, em diferentes instâncias: econômica, política, esportiva, social etc., têm levado a inúmeros questionamentos quanto ao significado que a mesma tem recebido. Este artigo propõe reflexões sobre as atividades de aventura, práticas corporais manifestadas privilegiadamente durante o lazer, apontando diferentes formas de se perceber o meio natural, fundamentados, principalmente, a partir de acordos fundados sob ética e sensibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Lazer; natureza; aventura; sensibilidade*

[...] abate-se uma floresta para no mesmo sítio construir um conjunto baptizado de "Cidade Verde" onde se tornarão a plantar algumas árvores que darão uma sugestão de "natureza". Por consequência, o "natural" que assedia toda publicidade é efeito de "make-up": "ultra-beauty garante-lhe uma maquilhagem aveludada, unida, duradoira, que dará a sua tez o brilho natural com que sonha!".

Baudrillard (1995, p. 89) está alertando sobre o processo de naturalização com que nos deparamos em toda parte do meio ambiente; consistindo na restituição da natureza em forma de signo, depois de ser praticamente liquidada na realidade.

O autor aponta uma tendência atual ainda não concretizada completamente: uma espécie de *reciclagem da natureza*. Nela, a natureza apresenta-se sob forma de campo reduzido ao estado de retalho, enquadrado no tecido urbano quadriculado e servido em forma de espaços verdes, de reservas naturais, etc. Privilegia-se um modelo de simulação em detrimento à presença original e específica da natureza, condenada a ser um sinal meramente efêmero.

As aproximações e valorizações crescentes com relação à natureza (nos mais variados níveis: econômico, político, esportivo, social etc.) têm levado a inúmeros questionamentos quanto ao significado que a mesma tem recebido. Além desse processo de *reciclagem da natureza*, relatado por Baudrillard, a natureza, veiculada pela mídia, parece estar sendo vendida pelo mercado de imagens e pelas indústrias de entretenimento como um "mito", sendo transformada, a cada dia, em um reduzido símbolo de consumo.

No caso das atividades esportivas em ambientes naturais, muitas vezes, a satisfação trazida por tais práticas relaciona-se a uma espécie de (pseudo) aventura, produzindo uma definição bastante reduzida da natureza. Esta, por sua vez, passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir às necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer. A natureza, levada, então, a um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. O conhecimento e a proteção ambiental, nesse contexto, parecem ser irrelevantes¹.

Um exemplo pertinente a ser trazido para essa discussão são as "corridas de aventura". Grupos de executivos, de atletas e de outros tipos de interessados envolvem-se em um jogo de representação de sobrevivência, redefinindo a natureza como um teatro no qual os indivíduos agem fora do habitual contexto cotidia-

1. Desenvolvi esse assunto no artigo "Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza" (*Conexões*, n. 3, 1999).

no. A natureza, aparentemente, é reduzida a um cenário teatral, a um espetáculo no qual os protagonistas se empurram para além de seus limites físicos.

Remetendo-me a EMA (Expedição Mata Atlântica), considerada a maior corrida de aventura do Brasil, a mesma reuniu, em outubro do ano passado, em sua terceira edição, quase 100 participantes. A corrida foi constituída de 450 km (em até 6 dias consecutivos, totalizando 130 horas) distribuídos ao longo das seguintes atividades: canoagem (102 km); *rafting* (18 km); *mountain bike* (195 km); *trekking* (128 km); natação (2 km) e travessia pelas encostas do mar (5 km)².

Nesse evento, existem, também, outras categorias com menores níveis de dificuldade (além da categoria “expedição”, a principal e mais difícil, existem as categorias “aventura” e “alternativa”, esta última destinada a equipes iniciantes). Os grupos são constituídos por quatro participantes, dentre os quais, no mínimo, uma pessoa deve ser do sexo feminino, além da presença de uma equipe de apoio com até dois integrantes.

Destacando ainda algumas características da corrida, são inúmeros os patrocinadores envolvidos – especializados, em quase toda a sua totalidade, em artigos esportivos (roupas, calçados, bebidas etc.). A EMA também possui um manual de conduta no qual são encontradas informações sobre o evento, bem como direitos e deveres de todos os engajados na atividade.

Para poderem se inscrever, as equipes interessadas tiveram que enviar, à organização, seus currículos com histórico esportivo para análise e, posteriormente, pagarem uma taxa de inscrição para participarem da corrida. O valor total das inscrições de cada equipe foi de R\$ 2.500,00. Além de troféus e medalhas, as três melhores equipes foram premiadas em dinheiro (primeira colocada: R\$ 17.500,00; para o segundo colocado: R\$ 5.000,00 e para o terceiro colocado: R\$ 2.500,00).

Refletindo sobre esses valores e outras taxas adicionais, é possível afirmar que as corridas de aventura fazem parte dos sonhos de muitos; contudo, elas parecem, de certo modo, uma prática elitista, voltando-se, muitas vezes, para uma clientela selecionada, tendo em vista que, a maioria dos participantes são médicos, engenheiros e empresários, os quais podem se dedicar aos treinamentos exigidos e têm condições financeiras para arcarem com as inscrições e com os equipamentos especializados. Entretanto, embora tenha acessos desiguais relacionados às condições de vida de seus praticantes, também é preciso destacar que as corridas de aventura não são, necessariamente, exclusivas de determinada classe socioeco-

2. As informações sobre a EMA foram adquiridas em uma reportagem da *Revista da Folha*, 5 de nov. de 2000, p. 7-9.

nômica. Eventos similares a esses surgem na perspectiva de resistir a tal elitismo. Tratam-se de corridas menos sofisticadas, envolvendo pequenos grupos de pessoas, muitas vezes, apenas moradores da região na qual ocorrem as provas.

Sobre a corrida, propriamente dita, os competidores se orientaram por cartas geográficas e bússola convencional ao longo de terrenos inóspitos e acidentados. Nesses percursos, os participantes (equipes nacionais e estrangeiras) passaram pelos mais variados obstáculos: botes virados, assaduras pelo corpo, atropelamentos, noites sem dormir, articulações lesionadas, bicicletas estragadas, entre outros.

[...] teve gente que se arriscou muito. No penúltimo dia, a norte-americana Alyson Denk, 29, não hesitou em tirar as calças e correr no meio do mato semi-nua, seguida pelos seus companheiros [...]. "Eu mal conseguia andar, ficar pelada foi a melhor saída", explicou Alyson que também não hesitou em cobrir as assaduras com "silver tape", uma fita extremamente adesiva para remendar prancha de surfe, em vez de colocar um curativo³.

O desespero para completar a prova a qualquer custo parecia deixar qualquer médico desolado. Frases tais como: "doutor faz a sangue frio mesmo, tenho pressa" foram muito comuns. Cerca de 70% dos participantes passaram por algum tipo de atendimento médico ao longo da corrida, desde pisadas em ouriços até atropelamentos de carro (*Revista da Folha*, 2000, p.9).

Nessas ocasiões, os limites entre a dor e o prazer parecem não ser muito precisos, podendo ser este fato constatado nas palavras de uma participante que foi atropelada por um caminhão na etapa de *mountain bike*. "Eu queria ir a todo custo, mas depois percebi que não ia dar", diz a participante com o braço quebrado e devidamente engessado.

Nessa mesma perspectiva, o discurso de um competidor que foi punido por estar usando a imagem do patrocinador maior do que a permitida pelo evento também é ilustrativo:

Tivemos de subir e descer uma pirambeira de 17 km para pegar outro uniforme. A Gabriela (companheira de equipe) até chorou, mas tudo isso faz parte da vida de quem gosta desse tipo de esporte [...]. A Gabriela também não reclamou de ter ficado três dias sem escovar os dentes. "A vaidade feminina? É preciso dar um tempo com isso"⁴.

Vive-se, nessas práticas esportivas, uma experimentação de riscos nem sempre previsíveis e calculáveis, distanciando-se, de uma certa forma, da continuidade

3. *Revista da Folha*, 5 nov. 2000.

4. *Idem*.

diária da vida. Aproximando-se, nesse caso, do sentido de aventura, proposto por Simmel (1988). Em seu ensaio sobre a aventura, o autor afirma que o desprender-se do contexto da vida significa, certamente, aventurar-se em essência, pois na totalidade de uma vida, os seus conteúdos individuais, por mais que consigam se distanciar uns dos outros, sempre estarão em torno de um processo homogêneo. A aventura é vivida independente do antes e do depois, seus limites são determinados sem referência a eles.

Na aventura, destaca Simmel (1988), entregamo-nos aos poderes e acidentes do mundo, os quais têm o poder de nos deleitar mas, no entanto, também podem vir a nos destruir. O enfrentamento de perigos conduzem aos mais variados acidentes ocorridos nas atividades de aventura, levando-nos a crer que os mesmos assumiram uma qualidade particular que, decisivamente, transcendem o cotidiano vivido. Eles têm uma intensidade capaz de levar a um distanciamento da vida, assumindo uma qualidade onírica⁵. Assume-se, nesses casos, o papel do aventureiro, entregando-se ao destino e colocando a vida em perigo com o intuito de desfrutar a excitação do risco.

Uma outra questão é pertinente para a nossa discussão: se por um lado, reportagens mostram que, nessa busca pelo risco, pela aventura, a natureza, algumas vezes, pode ser percebida como um mero cenário atrativo para a prática esportiva, por outro, atitudes de respeito e cuidado também surgem nas entrelinhas desse jogo de representação. Nesse sentido, a EMA, organizada pela Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura, parece ter uma certa preocupação com questões sociais e ambientais. Iniciativas podem ser visualizadas a partir de uma regra no regulamento da corrida: todas as equipes participantes devem executar um projeto socioambiental junto às comunidades locais por onde a competição se desenvolve⁶.

Um dos objetivos sustentadores das corridas de aventura em geral é conduzido nesse sentido. Nos dizeres de Jean Claude Ravel, responsável, no Brasil,

5. Featherstone (2000).

6. Consta na página da internet da EMA (www.ema.com.br) que a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura se comprometeu em destinar aproximadamente 50% da arrecadação das inscrições para o desenvolvimento de projetos socioambientais nos parques e comunidades envolvidos no trajeto da prova. Alguns projetos estavam sendo realizados antes da competição propriamente dita: produção de 30.000 *folders* e cartazes para divulgação dos parques envolvidos; doação de equipamentos para controle nesses parques (ex.: GPS, rádio HT etc.); doação de equipamentos de segurança e primeiros socorros (ex.: macas, ataduras etc.); doação de cobertores, capas de chuva e botas para as comunidades isoladas da região e doação de material escolar (ex.: cadernos, lápis, canetas, borrachas etc.).

pela *Elf Authentique Adventure* (corrida de aventura mundialmente conhecida): “Queremos deixar alguma coisa. Não é só chegar, olhar e ir embora”⁷.

Conforme entrevistas realizadas ao longo da competição, as populações locais demonstraram ser gratas pelos préstimos feitos a sua região, além de ficarem, muitas vezes, entusiasmadas com tanta movimentação no transcórre da corrida, sentindo-se atraídas pelo colorido das roupas e equipamentos, pelo barulho dos carros, das bicicletas, dos botes etc. Em sua maioria, fazem parte dessas populações pessoas humildes e até mesmo sem conhecimento suficiente para questionar se, realmente, o desenvolvimento de tal evento é benéfico ou não para o local. Propostas convincentes de melhorias podem levar a aceitação e compreensão limitadas.

Iniciativas, como as acima citadas, são válidas, no entanto deveriam surgir voluntariamente, sem um sentido de compensação no interdito: “Usufruímos os rios, mares, matas e rochas, mas desenvolvemos um projeto socioambiental...”. Esse fato legitima uma tentativa de demonstrar ações ambientalmente corretas, sendo rotuladas de “ecológicas”, conforme estratégias de *marketing*, nem sempre comprometidas de fato com mudanças socioambientais⁸. O seguinte discurso pode ilustrar esse fato:

A prática de esportes em equipe em uma corrida contra o tempo, exigindo técnicas apuradas, estratégias, controle emocional, com regras ambientais e atividades sociais, autenticam a Expedição Mata Atlântica como uma verdadeira corrida de aventura que ultrapassa os limites de um simples evento esportivo⁹.

Em uma versão mais comercial e apelativa, pode-se destacar o programa apresentado pela Rede Globo de Televisão “No limite” (cópia do “Survivor” – sobrevivente em português – “jogo de luta” pela sobrevivência valendo aproximadamente um milhão de dólares ao último e único “sobrevivente”). Nessa aventura, os participantes não pagam para participar, podendo (ou não) ganhar (*status*, dinheiro e/ou fama) devendo, contudo, submeterem-se aos mais extravagantes (e, às vezes, ridículos) exageros físico-mentais.

Na verdade, a intenção até agora foi mostrar um pouco do discurso obtido por intermédio da mídia, o qual, como destacado anteriormente, tende a

7. *Folha de S. Paulo*, 8 de abril de 2000, p.7.

8. Do ponto de vista de alguns críticos, Serrano (2000) destaca o ecoturismo como um desses “produtos esverdeados” à disposição (meramente consumista) das classes médias.

9. Discurso adquirido no site da EMA (op. cit.).

espetacularizar o evento e, muitas vezes, mascarar a experiência genuína dos participantes. O que, realmente, os praticantes estão buscando nessas aventuras? Como ocorre, de fato, o envolvimento desses “aventureiros”? As respostas a essas perguntas, possivelmente, auxiliariam na compreensão das diferentes formas de relacionamento entre os seres humanos e o ambiente natural.

Que o lazer, para os envolvidos nessas atividades de aventura, não se tenha convertido (como tende a parecer) também, em trabalho, em obrigação: “vamos produzir diversão, vertigem, adrenalina...”. Que, na verdade, não se sobressaia uma relação pautada meramente por critérios de produção, consumo e lucro, mas que se busque um novo modelo cultural, mantido por vínculos éticos e afetivos. Aliás, como são as relações de ética, de afetividade e de sensibilidade nessas práticas de aventura?

(RE) DESCOBRINDO A NATUREZA DE DIFERENTES FORMAS

Nossa contemporaneidade é marcada pelo consumo de bens e serviços, signos e imagens atrelados à satisfação e ao corpo. As imagens fortificam um mercado consumidor, baseando-se no fascínio das pessoas por atividades que carregam mensagens de aventura e de fortes emoções, haja vista a crescente participação nas referidas corridas de aventura. Portanto, as atividades esportivas, em geral, praticadas em ambientes naturais estão inseridas nesse contexto, permeadas pelas noções de aventura, risco calculado, adrenalina e prazer.

Por mais que os eventos anteriormente citados possam ilustrar, de alguma forma, uma (re)aproximação da natureza, em uma tentativa de (re)valorização dos elementos naturais; os mesmos pressupõem um certo tipo de consumismo, como já destacado, merecendo, por isso, serem questionados e repensados, assim como tantas outras práticas junto à natureza. Como ressalta Santos (1992), a (re)descoberta da natureza é um tema que a atualidade vem nos impondo, de diferentes formas, a cada dia, contudo deve ser abordado com bastante cuidado porque a força das imagens e dos discursos pode trair o rigor dos conceitos.

Nesse contexto, é igualmente preciso destacar que, no turismo de aventura¹⁰, as atividades as quais requerem os elementos naturais para o seu desenvolvi-

10. O turismo de aventura é enquadrado na polissemia do termo ecoturismo e em sua multiplicidade de atividades. De acordo com Serrano (2000, p. 9), ecoturismo é considerado como uma “idéia guarda-chuva” porque engloba inúmeras atividades como o *trekking*, escaladas, *rappel*, espeleologia, mergulho, cavalgadas, voo livre, estudos do meio, safári fotográfico, observação da fauna e da flora, pesca, turismo esotérico e turismo rural, entre os mais comuns.

mento, de formas distintas e específicas, parecem estar despertando maiores sensibilidades, em diferentes níveis. As intensas manifestações corporais nessas práticas, permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos enquanto parte desse meio.

Despontam, então, autores preocupados (Betrán, 1995; Bruhns, 1997; Serrano, 2000; entre outros) com a defesa e manutenção dos seres humanos junto à natureza (a partir de condutas éticas) seja praticando esportes, em uma viagem turística, seja contemplando a paisagem ou em qualquer outra forma de manifestação de lazer ao ar livre.

Bruhns (1997) salienta que a experimentação dessas novas emoções e sensibilidades poderão conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Portanto, faz-se importante compreendermos os diferentes significados que a relação dos seres humanos junto à natureza tem assumido¹¹.

As atividades esportivas atuais, conforme Betrán (1995), representam maneiras diferenciadas de relação com o corpo, encaixando-se perfeitamente com a ciência, com a técnica e com o recorde, convertendo-se em elementos sociais que produzem e acompanham o pensamento coletivo. A prática de atividades de aventura despontam nesse sentido: impulsionadas pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, utilizando-se da tecnologia infiltrada na esfera da recreação e do lazer.

Com base em Serrano (2000), pode-se verificar que, juntamente com o surgimento dessas práticas de aventura e com o fortalecimento do ecoturismo, é presenciada uma maior disseminação do ambientalismo, o qual deixa de abordar somente temas eminentemente naturais (tais como: proteção das espécies e ecossistemas), passando a abranger temas mais gerais como direitos de minorias (sociais, religiosas e étnicas), debates sobre gênero e qualidade de vida¹².

11. Eu não procuro, nessa discussão, apontar que uma forma de aproximação à natureza é ecologicamente melhor que outra, nem dar por encerrado um tema cheio de dúvidas e questionamentos, apenas compartilho de idéias que meu olhar e meu discurso privilegiam, comprometendo-me com determinados valores.

12. Segundo Bruhns (1997, p. 11), "é preciso lembrar que em outros momentos da história das sociedades ocidentais já se ensaiaram sinais de preocupação/sensibilidade acerca das relações sociedade-natureza: os primeiros grupos de proteção da natureza ingleses em meados do século passado e o surgimento dos parques nacionais nos Estados Unidos, em 1872, são exemplos que produziram, ao menos pontualmente, alguma mudança nessa relação". A autora apoia-se em Cascino para apontar

Emerge, nesse contexto, a percepção de que os problemas relacionados aos recursos naturais, bem como sua apropriação e sua conservação, são derivados não unicamente da natureza, mas também da cultura, ressaltando-se, com isso, a necessidade de os sujeitos, que dão base a tais cultura e estilo de vida, serem igualmente trabalhados. Faz-se necessário, portanto, refletir sobre as necessidades humanas e seus valores socialmente construídos (Serrano, 2000).

Especificamente quanto às atividades esportivas em ambientes naturais, os “aventureiros” envolvidos parecem estar fortalecendo um novo modo de vida, em busca de práticas mais “excitantes” que brincam com o risco e com o perigo em um jogo no qual os parceiros e os equipamentos tecnológicos compõem a dinâmica a ser vivida.

De acordo com Feixa (1995), desde as sociedades pré-industriais, o risco e o contato direto com a natureza constituíam parte do cotidiano. As emoções corporais eram vividas no contexto da festa, da guerra, da religião – contextos estes nem sempre cabíveis de diferenciações. Não havia necessidade de se criar cenários especiais para a vivência dessas emoções. O autor acredita que as atividades esportivas atuais apenas estão sendo regulamentadas e dotadas de um sentido competitivo, transcendendo o sentido original de caráter religioso ou festivo, por exemplo.

Concordo com o referido autor ao afirmar que as atividades de aventura que se manifestam em nossos dias, privilegiadamente nos momentos de lazer (as quais recebem, inclusive, a denominação de “novos esportes”), na verdade, não são tão novas assim. Haja vista os exemplos do surfe e do *skate*, pioneiros desses esportes e em eminência desde os anos 70. Contudo, discordo que, em sua maioria, as atividades de aventura voltem-se unicamente a um caráter competitivo. É fato que corridas de aventura (como a EMA e outras tantas, além de competições de escalada *indoor*, de *rafting* etc.) estão começando a conduzir, ainda timidamente, essas práticas a um processo de esportivização; contudo, nelas, ainda prevalecem características genuinamente lúdicas, carregadas de emoções, em uma forma singular e expressiva de brincar com o risco, denotando diferentes significados.

Compartilho com Betrán & Betrán (1995) que, cada sociedade, em cada época, tem sua própria cultura corporal baseada nos parâmetros ideológicos, tecnoeconômicos, sociais e também culturais. A idéia do corpo, bem como seu tratamento, uso, hábitos e costumes inscrevem-se na mentalidade de cada momento.

que, também, é preciso destacar, na década de 60, que o movimento da contracultura norte-americana produzido pelos jovens *hippies*, naturalistas e esotéricos contribuíram, da mesma forma, para o desenvolvimento do ambientalismo atual.

Portanto, nessa época que vivemos, a natureza e seus elementos estão sendo bastante requisitados, privilegiadamente durante o lazer, ora como cenários, ora como parceiros indissociáveis. Seja como for, cabe aos envolvidos (professores de diferentes áreas – Ecologia, Geografia, Educação Física etc.; empresários e outros) procurarem efetivar intercâmbios de conhecimentos sobre o meio em que vivem e, juntos, descobrirem as melhores (e menos degradativas) formas de manutenção dos seres humanos junto à natureza (da qual todos somos parte) consumando a possibilidade de permanência de uma tríade perfeita: lazer, natureza e aventura.

Leisure, nature and adventure: sharing emotions and commitments

ABSTRACT: The growing approaches to the nature, in different instances: economic, politics, sporting, social etc., have been taking the countless asks about to the meaning that it has been receiving. This article proposes reflections about the adventure activities, body practices manifested during the leisure, pointing different forms of perceiving the natural environment, starting from agreements to based on ethics and sensibility.

KEYWORDS: Leisure; nature; adventure and sensibility

Ocio, naturaleza y aventura: compartiendo emociones y compromisos

RESUMEN: Los acercamientos y valoraciones crecientes relacionados con la naturaleza, en diferentes campos: económico, político, deportivo social etc., nos llevan a cuestionarnos el significado de la misma. Este artículo propone reflexiones sobre las actividades de aventura, las prácticas corporales manifestadas privilegiadamente durante la recreación, apuntando a una nueva forma de percibirse el medio natural, a partir de acuerdos basados en la ética y sensibilidad.

PALABRAS CLAVE: Ocio; naturaleza; aventura y sensibilidad

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. *Apunts: educación física y deportes*. Barcelona, n. 41, p. 5-8, 1995.

BETRÁN, J.; BETRÁN, A. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio ativo. *Apunts: educación física y deportes*. Barcelona, n. 41, p. 10-29, 1995.

BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

FEATHERSTONE, M. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. In: GARCIA, Erivelto B.; LOBO Francis (Eds.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: Sesc, WLRA, 2000.

FEIXA, C. La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. *Apunts: educación física y deportes*. Barcelona, Barcelona, n. 41, p. 36-43, 1995.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 de abr. 2000, p. 7.

MARINHO, A. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. *Conexões: Educação, esporte e lazer*, Campinas, n. 3, p. 33-41, dez. 1999.

Revista da Folha, São Paulo, 5 de nov. 2000, p. 6-9.

SANTOS, M. 1992: a redescoberta da natureza. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 6, n. 14, jan./abr. 1992.

SERRANO, C. (Org.). *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000.

SIMMEL, G. *Sobre la aventura: ensayos filosóficos*, Barcelona: Península, 1988.